ANO 23.º — Número 1190 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 31 de Outubro de 1954

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão:
A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmento
Guimarães
— AVENÇA —

Factos e Impressões...

Dia de Todos os Santos

Vive-se numa preocupação excessiva pelos bens terrenos e num deslumbramento estonteante pelos prazeres que eles proporcionam.

A nevrose que domina a Humanidade significa, com evidência dolorosa, que se materializou brutalmente a vida e se relegaram os cuidados espirituais que deviam ser, afinal, os primeiros a inspirar os pensamentos e as aspirações dos homens.

A ansiedade de cultura que teria como lógica consequência a humanização de valores, cedeu, também, a um desvairamento de paixões, que cegam, brutalizam, despersonalizam.

Para uma maioria esmagadora, a vida resume-se à fruição, por quaisquer meios, de todos os possíveis prazeres; à realização de desejos e ambições nem sempre justas e morais e à conquista das riquezas do mundo que são aquelas que menos valem perante a Sabedoria e a Bondade de Deus. Como se esta vida fosse eterna e a acumulação de riquezas, com feroz egoísmo, representasse os superiores desígnios do homem na terra!

Acodem-nos estas meditações ao chegarmos ao Dia de Todos os Santos, que poderia ser um grande dia para a consciência humana, na pesquisa dos segredos da alma e no mistério da sua introspecção.

A grande realidade

Já dizia alguém que a morte é a grande realidade da vida...

E quem pensa nela? As grandezas do mundo são suficientemente perturbadoras para afastar do cérebro os pensamentos que representam, de maneira absoluta, tudo o que é tràgicamente inevitável...

Mas «a grande realidade» existe e ninguém lhe foge: a morte.

O homem tem que lutar para viver, mas é inadmissível que essa luta tenha o fogo que queima e martiriza, das paixões ruins, dos ódios cegos e da crueldade selvática.

«O homem é a fera do homem». Sem dúvida. O poderoso esmaga o humilde, o forte o fraco, o grande o pequeno. As ambições são desmedidas. Não interessam as injustiças para se atingirem os fins. Mas a grande realidade da vida existe — e ninguém lhe foge... As riquezas do mundo nada valem, perante ela. Perante Deus, valerá o bem que se espalha. Triunfarão as boas acções, o amor do semelhante, a verdade, o bem e a justiça.

Oremos pelos mortos mas saibamos, sem hipocrisias, sem fingimentos, sem astúcias, sem cálculos egoístas, amar o semelhante como a nós mesmos.

Assim, a vida será compreendida e a morte deixará de ser a sua nuvem negra.

Já Fenelon dizia que mais vale amar a virtude que as grandezas da terra.

Mas, ai! Como as grandezas e as vaidades estultas cegam os homens! Que drama, o drama do nosso tempo!

Como se a vida fosse uma eternidade e o além uma quimera!...

Movimento rotário

Já não oferece dúvidas a ninguém — referimo-nos até a qualquer pessoa medianamente culta — o movimento rotário em todo o mundo. Assim o cremos. No entanto...

Pretendeu-se criar à sua volta uma atmosfera de desconfiança, mas a verdade é que os factos incontroversos vieram desmentir as falsas hipóteses e neutralizar os inconcebíveis absurdos.

Rotary tem um ideal de paz e salutar companheirismo, aglutinando as boas vontades e os melhores sentimentos.

Acabamos de ler «que o sr. Ratti, parente muito próximo de Pio XI, foi director do Rotary de Roma; que Monsenhor Paolo Barleli, Delegado Apostólico em Colúmbia, assistiu a diversas reuniões do Rotary Clube de Buenaventura, que o teve como convidado de honra; que o Núncio Apostólico do Paraguai assistiu a uma reunião rotária em data recente; que o Bispo de Toluca (México) aceitou uma homenagem do Rotary Clube, assistindo a uma reunião; que o sobrinho do Papa Pio XI, Ministro das Obras Públicas do Vaticano, foi vice-presidente do Rotary Clube de Roma; que o Presidente actual do Rotary Internacional, sr. Joaquín Serratosa Cibils, é membro activo da Acção Católica de Montevideu; e que Monsenhor Franceschi publicou em sua revista «Critério», artigos de sua autoria sobre Rotary e a Igreja, destacando não existir nenhuma incompatibilidade espiritual entre essas Instituições».

Que meditem nisto os que ainda alimentam suspeitas...

JOÃO DE GUIMARÃES.

Nota do Autor — No meu artigo «Destruição», publicado no último número, algumas gralhas escaparam aos cuidados do revisor — gralhas, aliás, de pouca importância.

Uma, porém, pretendo rectificar, para uma maior clareza de sentido. Onde se lê «...no próprio espírito duma geração que diz engrandecer a terra em que nasceu», devem ler-se, estas últimas palavras, «que quis engrandecer a terra em que nasceu». Assim é que está certo.

J. DE G.

Feiras de Portugal

Expressivas de movimento e de cor, sempre caracterizadas por um sadio regionalismo de par com a nota comercial que ressalta de suas transacções, as feiras portuguesas são, desde há séculos, uma das notas mais pitorescas da vida portuguesa.

Pode dizer-se que todas as terras de Portugal, desde as cidades às aldeias, têm marcadas no calendário da sua vida comercial e agrícola, as suas feiras, que mantêm em dias certos do mês ou do ano. A quem for dotado de algum senso crítico e gosto de observar o movimento curioso das populações, não lhe faltam, nestes certames, os motivos para bem compreender a alma do povo na diversa variedade dos seus curiosos aspectos.

A feira portuguesa, de par com a nota garrida do vestuário regional, da exuberância de gestos e de todas as falas do povo que as frequenta, são um óptimo repositório do esforço que as populações mantêm no trabalho de todos os dias e do volume da produção do seu excedente industrial e agrícola.

Logo pela manhã a terra anima-se no movimento das ruas, tudo convergindo para o largo, onde, à sombra de tendas e quitandas, se expõem os produtos a vender. Mais à ilharga, um pouco a esmo, o gado, gordo e anediado, aguarda, resignado, a oferta do comprador. E esta, combinada e aceite, logo se tocam as mãos como chancela à palavra dada e se dirigem os contratantes ao pipo de vinho que ali está próximo, à sombra do qual se bebe à saúde de todos os presentes e se dão por findos os termos de transacção.

Esta, como tantas outras notas cheias de pitoresco e de cor local, constituem um excelente motivo de observação.

Nas feiras tudo se vende, se troca, se transacciona. E embora sem ordem nem simetria, a exposição serve, mesmo assim, para se comprar qualquer belo animal de trabalho, uma alfaia agrícola, um tato, um alqueire de feijão, um relógio de pulso, uns metros de linho ou o cordão de oiro para se oferecer à namorada.

Tudo se encontra nas feiras. E por isso acorrem a ela os povos das vilas ou aldeias próximas, enchendo-se as estradas de carros e cavaleiros, aos grupos, falando muito, todos num esfusiante contentamento de gestos e palavras.

Como valor comercial ou industrial, as feiras são um belo mostruário das fontes de riqueza duma região, marcando os preços na derivante de suas naturais oscilações, ou a correspondência do valor dos produtos na troca directa que ainda se usa como meio de transac-

Continua na 2.ª página

"El Camarada perdido"

— interpretação do quadro do pintor GUSTAV HENRY MOSLER —

Há dias que não via o companheiro;
Devia concerteza estar doente...
E alguma coisa lúgubre pressente...
Uivando triste, em triste cativeiro!

Soltaram-no por fim... Correu ligeiro
A ver no quarto o pequenino ausente.
Mas em vez dele, encontra amargamente
De morte e luto um quadro verdadeiro:

Vazia a cama, rosas espalhadas...
Tocheiros com as velas apagadas...
— Vê que perdera o camarada antigo!

Em preito de amargura, junto ao leito,
No adeus final, curvado sobre o peito,
Chora o Fiel, *o mais fiel amigo!...*

S. Luís de Maranhão, Setembro de 1954

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

SONHO QUE SE DESFAZ

Elaborou a Vereação de 1914 um plano de urbanização, plano que eu não hesito em classificar de oportuno e inteligente.

Deste plano faziam parte as seguintes obras de grande vulto:

Saneamento da cidade.
Parque à volta do Castelo.
Novos Paços do Concelho.
Ligação da cidade à Penha.

Nenhuma destas grandes obras podia, com razão, ser contestada.

Pois senhores, contra o notável plano de melhoramentos moveu-se rija campanha de oposição!

Que houvesse pontos de vista divergentes, era de admitir. Mas oposição sistemática, por antagonismos políticos, só espíritos obtusos e maldosos tal coisa cometeriam, em prejuízo da terra.

Entrementes surgiu a Grande Guerra. Alterada a economia municipal, lá se foi pela água abaixo o grande plano. Mais uns tempos andados, a própria Vereação se sumiu pelo alçapão dos acontecimentos políticos que eclodiram no País.

Sucedem-se os anos. Volta às cadeiras do Município o vimaranense de vontade forte e visão clara que havia formado a arquitectura do citado plano de melhoramentos. Perseverante, põe em efectivação, como urgente que era, o projecto dos novos Paços do Concelho.

Não foi este distinguido projecto influência de capricho. Resultou de um perfeito concurso público. Nele foi aprovado quem de direito.

Na memória descritiva que o antecedia, dizia-se:

«Uma terra de tão ricos despojos, não podia ter um edifício municipal de qualquer arquitectura, ainda que excelente, dos usuais estilos emergentes».

Com efeito, o projecto aprovado correspondia, sob este ponto de vista histórico, ao que esta cidade vetusta requeria *e requere...*

Havia deficiências? Talvez. Viesse a crítica autorizada e falasse. Não fez a Vereação de 1925 *assunto fechado* desta sua iniciativa. Tanto assim que, sendo levantados reparos quanto à localização do edifício, a Vereação, acolhendo esse parecer, fez transferir da Praça de S. Tiago (local primitivamente ajustado à obra) para o local então popularmente designado «estrada de Fafe».

E a construção dos novos Paços do Concelho prosseguiu, resolutamente.

Novo sucesso político fez substituir a Vereação. Pára a construção dos novos Paços do Concelho. A passo de boi, tempo depois recomeçam os trabalhos.

Qualquer *operação de sapa* fez desaparecer, sob fundamento de ilegal, a derrama tributária que aos Paços do Concelho e avenidas convergentes se destinava.

Outra paragem da obra.

E' requerida a comparticipação do Estado para se poder levar a efeito a conclusão do edifício.

Sujeito o projecto à Direcção dos M. N. para sobre ele se pronunciar — pois sem esse parecer a comparticipação não seria concedida — resultou ser-lhe desfavorável o voto oficial. O que correspondeu à recusa da comparticipação.

Se me perguntarem quais os fundamentos que determinaram a desaprovação do projecto das estâncias superiores, eu apenas poderei informar esta coisa, sem novidade: — que o encarregado de dar parecer sobre o edifício para a conclusão do qual se requeria a comparticipação do Estado, foi o sr. Engenheiro-arquitecto Baltazar de Castro.

Mais *coisas e loisas* se podiam contar sobre o decantado edifício. Mas não vale a pena.

Uma lei fatal condenou à morte a obra do mestre Arquitecto Marques da Silva.

Ninguém lhe podia valer.

Consumou-se a má vontade dos obreiros da sombra.

Agora que se derruba quanto estava feito, e custou tanto dinheiro, tanto esforço, tanto tempo perdido, não valem geremiadas.

Que fique, ao menos, em lembrança dos édis municipais do presente, esta criteriosa recomendação dimanada da memória descritiva do edifício derrubado:

Guimarães, terra de ricos despojos de arte monumental, não pode ter um edifício municipal qualquer, de qualquer arquitectura, ainda que modernamente excelente.

Posto isto em lembrança, haja a coragem de dar começo a outro edifício para os Paços do Concelho — a ver se ainda esta geração resgata o mal que se acaba de consumar.

Eis um voto apelativo, para começo de tarefa mais construtiva.

A. L. DE CARVALHO.

OS PAÇOS DO CONCELHO

Iniciou-se a demolição dos Paços do Concelho. Entendeu o novo presidente da câmara, sr. Capitão Magalhães Couto, entrar nas salas alugadas onde tem de exercer suas funções, enaltecido pela glória de haver já dado ordens para a demolição do edifício, que era um grandioso monumento da arte portuguesa e constituia um dos mais legítimos orgulhos e a satisfação de uma das mais instantes necessidades do povo vimaranense.

Mostra que é activo e deixa a perder de vista o seu antecessor, dr. Augusto Cunha, que se esquivou, aliás, com nobreza e hombridade, a assumir as responsabilidades directas de um acto que representa um erro tremendo de administração e de estética urbanista.

A destruição é, pois, um facto que vai passar à história e já não interessa mais discutir neste lugar; por agora, importa apenas salientar que não cabem ao sr. Capitão Couto mais do que as glórias de um ufano executor das deliberações tomadas em tempo pelo Conselho Municipal, de que, aliás, também fazia parte; as verdadeiras responsabilidades pertencem àqueles que votaram a demolição; os seus nomes não esquecem; ficam para sempre nas actas do Conselho Municipal; a todo o tempo haverá quem as publique, e verbere, como merecem os homens que delas constam.

Eu estou convencido de que fiz tudo quanto era do meu dever para evitar a destruição e promover a conclusão do edifício. Mesmo durante este longo ano último em que me mantive em silêncio, lutei.

Afirmar que não sinto mágoa pela inutilidade do meu esforço seria mentir.

Lutei e fui vencido; presto, sem a menor hesitação, a minha homenagem, a expressão sincera do meu respeito, àqueles que, do lado de lá, com inteireza de carácter, sem ódios, sem invejas insofridas, apreciando as circunstâncias através de prismas que se lhes afiguram superiores aos do meu critério, decidiram o assunto de forma diferente da que eu desejava e fizeram prevalecer o seu modo de ver.

Não me merecem, em contraposição, se não um amargo desagrado, todos, e tantos são, os que, sentindo como eu a necessidade da campanha em que me empenhei pela conclusão do edifício, me deixaram absolutamente abandonado.

Mesmo agora, eu me vejo só.

Fala-se em que Guimarães vai receber em breve melhoramentos importantes e eu acredito que assim vai suceder. Já não é sem tempo e oxalá eles compensem o sacrifício da grandiosa aspiração que os vimaranenses agora perdem: a de enriquecer a perspectiva do Castelo e Paço dos Duques com o edifício da Câmara, de linhas de tão maravilhosa harmonia naquele conjunto de extraordinária beleza.

Nada de desalento, pois. Por mim, não perco a fé. Morre uma aspiração, outras surgem, porventura mais belas ainda. Eu continuo a ser vimaranense.

M.

N. da Redacção

A nossa atitude perante o problema dos Paços do Concelho, agora novamente na berlinda a propósito da sua demolição, é, intransigentemente, a mesma de sempre e definida, mais uma vez, embora de maneira modesta mas significativa, num dos últimos números deste jornal.

As nossas colunas estiveram sempre franqueadas a todos aqueles que à volta do assunto pretenderam emitir as suas opiniões, sem nos preocupar a maneira como pensavam.

Hoje publicamos um novo artigo do nosso ilustre colaborador M., sobre os Paços do Concelho, tema que sempre o apaixonou, vibrantemente, por razões de coerência política, de elevado bairrismo e de dignidade pessoal, que muito lhe admiramos.

Como nos mantemos, porém, dentro de directrizes rigorosas, delineadas na independência de critério da nossa orientação, achamos bem acentuar, lealmente, a nossa divergência no aspecto dos reparos e das observações pessoais, feitas pelo nosso prezado colaborador no artigo que inserimos.

Como não os perfilhamos, são, portanto, esses reparos, um modo de ver meramente individual do autor do artigo, cuja publicação não podíamos recusar, sem trair os mais elementares princípios de lealdade e correcção, que sempre nos caracterizaram.

Concerto no Jardim

A excelente Banda da Sociedade Filarmónica Vimaranense, sob a hábil regência do seu maestro sr. António Guise, que se encontra desde domingo entre nós, realiza um concerto hoje, das 10,30 às 12 horas, no Jardim Público, de homenagem aos seus associados.

Para os combatentes da India

O subdelegado da Mocidade Portuguesa, desta cidade, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, recebeu, destinada aos combatentes da India, a quantia de 500$00, que lhe foi entregue da firma António José Lopes Correia & Filhos, do Pevidém, por intermédio do Centro Escolar Primário da Vila do Pevidém.

O 25.º ANIVERSÁRIO dos 20 Arautos de D. Afonso Henriques

Estão a decorrer desde quarta-feira as festas comemorativas das Bodas de Prata do grupo recreativo e cultural «Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques», as quais tiveram seu início brilhante com a conferência que o notável orador sacro rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, Prior da freguesia de S. Sebastião, desta cidade, realizou naquele dia e na sede da progressiva colectividade, perante uma assistência numerosa e selecta, que atentamente o ouviu e aplaudiu.

O distinto orador falou sobre «*O que vale Guimarães na História Nacional*», tendo proferido um discurso de fino recorte literário, no decorrer do qual citou o valor de Guimarães nas Artes, nas Ciências, na Fé e no Trabalho, tendo-se referido aos vimaranenses ilustres que muito honraram a terra em que nasceram e aos brazões históricos que são legítimo orgulho desta cidade.

O esplêndido trabalho do ilustrado sacerdote deixou em toda a assistência uma agradável impressão.

Presidiu à conferência o rev.º

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

XV

Outras Romarias havia onde comparecia a tropa do 20 para manter a ordem e cujas peripécias eram, mais ou menos, as de S. Torcato.

Aqui perto da cidade a do S. Tiago da Costa, creio que em fins de Julho, tornava-se notada pelos andores que ali acorriam a «visitar o Santo».

Há tanto tempo lá não vou que só retenho umas vagas imagens, mesmo até do recinto da festa.

Havia creio que duas largas esplanadas rodeadas de baluartes de pedra, com enormes carvalheiras à sombra das quais se instalavam os carros com pipas de vinho, bacalhau frito e bolinhos, as canecas brancas de «meia» e as infusas de barro amarelo, vidrado.

Vinho a vintém o quartilho, o que já era puxadote, mas em Romarias ninguém olha a preços, uma posta de bacalhau por um pataco, mas não era ainda o da propaganda, e os bolinhos a dez réis.

Também havia doceiras, entre as quais a «Varandas», com estabelecimento de «Pão leve» no Ourado e que foi distinguida com o título de «Fornecedora da Casa Real», por ter oferecido uma «rosca» de um metro de diâmetro ao Sr. D. Carlos.

Tenho uma vaga ideia de que a Farmácia Dias Machado foi igualmente distinguida com o mesmo título, e ambas solenizaram o acontecimento com foguetório, iluminação e a música do João Inácio a tocar o Hino da Carta.

Havia «pão de ló», o «pão podre», que nunca mais tornei a ver, os rosquilhos, os bolos de limão, os massapães, paciências e outras especialidades, como o «toucinho do Céu», da loja do Barbosa de debaixo dos arcos da Oliveira, que desapareceram sem deixar rasto.

Os doces para a rapaziada, feitos de farinha de trigo, cobertos de uma leve camada de açúcar — os esposados, os cãezinhos, as passarinhas e sardões, da festa de Santa Luzia, os relógios de mostrador de papel, com a respectiva chave de dar corda, enfiada numa fitinha cor de rosa, todos com bocadinhos de papel prateado e dourado, e tantas outras gulodices substituidas pelos rebuçados, *bom-bons* e chocolates que, embora melhores, extinguiram esse ramo da indústria vimaranense.

E nas paredes os lençóis brancos com a exposição dos ramos para os namorados, feitos de penas coloridas, espelhinhos e latejoulas, com as quadras alusivas, estes então é que desapareceram, naturalmente por já haver outra moda de se cortejarem os rapazes e raparigas, ou até já não ser preciso esse ingénuo intermediário amoroso.

Os andores eram de várias freguesias, mas já não estou certo de quais, e, citando sem compromisso, o da Senhora da Lapinha, da Senhora de Antime, com uma grande imagem que diziam ser de pedra, e o que me ficou na memória — de Santo Estêvão.

Esse sim, que tinha de atravessar a cidade, precedido dos guiões de talvez 10 metros de altura, encimados de bandeiras e ramalhoças, acompanhados de caixas e zabumbas.

Os homens que os levavam ao alto, homens de pulso, que ainda os havia, em mangas de camisa, de lenço branco com um nó em cada ponta, na cabeça, faziam gala da sua força, a suar em bica.

Depois o andor do Santo, que esse já acabou devido às actividades da iluminação eléctrica do Jordão, e data desse tempo o seu desaparecimento em todo o seu esplendor.

Era uma construção de ripados e fasquias revestidos de seda gase e fitas, papel lustroso, prateado e dourado, de fios dourados lançados do alto como raios de estrelas, de fios prateados que rebrilhavam ao sol, ligados a estrelas e meias luas, a cruzes e cabeças de anjos, infantis e coradas.

Grinaldas de trama metálica com lampejos dourados juntavam-se a suspender os globos de vidro colorido de vermelho, de azul e cor de rosa, de um efeito, para os meus olhos, superiormente deslumbrante e que, não sei porque razão, nunca mais tornei a ver nos andores e em outras ornamentações a que davam um destaque maravilhoso.

Tudo isto corria de cima a baixo o pesado edifício dividido em três ou quatro andares, numa gama de cores em que sobressaia ao longe a berrante cor de rosa e no seu nicho o Santo, presidindo a esta alegre e magnífica festa de cores e luz, parecia sorrir, também embriagado de tanto esplendor, a caminho da igreja de S. Tiago da Costa.

O andor tinha três corpos, o central e dois laterais, simétricos, estes deslocando-se como asas, para poder passar nas ruas mais estreitas, como a de S. Dâmaso, e tudo assente numa armação de sólidas traves aguentando o conjunto que se elevava a 8 ou 10 metros — o mais alto andor das Romarias do Norte e de Portugal, podendo até dizer-se que seria o mais alto do Mundo.

Ainda para o transportar assentava em duas grossas traves que sobressaiam uns metros, descansando nos ombros de vinte moços possantes que o conduziam, uns por penitência, outros por devoção e outros até por desporto, por basófia de dizerem que pegaram no andor de Santo Estêvão.

Para equilibrar esta altíssima máquina prendiam-se umas cordas no alto, duas à frente e duas atrás a que pegavam também homens forçantes, porque o oscilar do andor era bastante pronunciado.

Guiões à frente, caixas e zabumbas, cá mais longe, no passo retardado pelo esforço daqueles vinte homens a aguentar o peso enorme, o esticar das cordas para não desiquilibrar, seguia o andor lentamente desde Urgezes até à Costa, coisa aí para mais de três quilómetros, a rebrilhar nessas manhãs de Julho de sol quente e deslumbrante, música e a longa esteira de gente que enchia as ruas, acudida a presenciar o inolvidável espectáculo, foguetes a anunciar — chegou à Feira do Pão, está agora na Senhora da Guia, vai no Rio e chegou à Costa na girândola final.

Depois à tarde era a Procissão e o regresso de todos os andores acompanhados até ao princípio da estrada, que nesse tempo ia só até à Costa, pelo andor de S. Tiago, e a parte mais atraente, mais característica e que juntava toda a gente — as despedidas dos andores.

Parece-me que ainda estou a ver: o andor do S. Tiago, que ia à frente, parava no fim do escadório e, à medida que os outros iam chegando, voltando-se um para o outro, faziam as três «vénias» da praxe e da boa cortezia.

Os das outras freguesias eram mais pequenos e de mais fácil manejo, bastando para isso que os homens da frente se baixassem um pouco para o andor se inclinar.

Mas o do Santo Estêvão tinha de se socorrer das quatro espigas para ajudar a equilibrar a alta mole que lentamente se inclinava nas três «vénias» do cumprimento, com os adeus «até ao ano, até ao ano», o acenar dos lenços, a marcha compassada da música e o estralejar dos foguetes, no meio do borborinho do povo, numa núvem doirada de pó.

O Regimento 20 contribuia com um pelotão para manter a ordem as mais das vezes desnecessário, que os «cabeças rachadas» iá se compunham uns com os outros, e regressava ao quartel no fim do dia.

Depois veio o Jordão com os seus fios da luz eléctrica atravessados nas ruas, que impediam a passagem do Santo Estêvão, e nunca mais a Romaria do S. Tiago teve o esplendor, o interesse, o calor e o brilho de quando aquele andor passava na Feira do Pão, rua de S. Dâmaso, Senhora da Guia e Hortas com a altura de um terceiro andar, brilhando ao sol, com as suas «bolas» de vidro colorido e os seus guiões empunhados por moços valentes, cobertos com o lenço branco dos quatro carrapitos...

Jugueiros — Felgueiras, 20 de Outubro de 1954. *Continua.*

A. DE QUADROS FLORES.

Arcipreste, P.e António de Araújo Costa, ladeado pelos srs.: drs. Adriano Filipe Afonso e Valdemiro Ferreira Lopes, Juízes de Direito da comarca; conselheiro Raúl Alves da Cunha, e tenente Diamantino do Nascimento Morgado, comandante da G. N. R.

Entre a assistência viam-se muitas senhoras.

*

No mesmo recinto e na 5.a-feira, o distinto professor Eurico Tomaz de Lima realizou um recital de piano, executando na 1.a parte as suas obras «2.a Sonatina» e «Variações Vimaranenses», e na 2.a parte obras de Albeniz, Liadoff, Rachmaninoff, Mendelsshon e Chopin.

O consagrado concertista teve a escutá-lo um selecto auditório, que premiou com calor a sua magnífica audição.

*

As festas comemorativas terminam hoje com os seguintes números: A's 10 horas — Missa na Colegiada de Guimarães por alma dos sócios falecidos; às 10,30 horas — Sessão Solene de encerramento, com a presença das autoridades e conferência em que será versado o tema «***O importante papel das colectividades de recreio***», pelo ilustre Presidente das colectividades de recreio do Porto, sr. Américo Cardoso.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . .	4.865$00
Recebemos mais para os nossos pobres:	
Grupo de «Os Carlos» .	20$00
A transportar . . .	4 885$00

Contemplamos alguns pobres muito necessitados.

Dos Livros

Maria Cruz (2.a edição) = de *Isaura Correia Santos.*

A 2.a edição de qualquer obra não representa — nunca pode representar — um favor do público.

Quando, num país, onde nem sempre os escritores de mérito encontram ambiência compensadora, por circunstâncias que não vale a pena especificar, se verifica que uma obra ultrapassou os limites vulgares em êxitos de livraria, é porque possue, realmente, valor incontestável.

Isaura Correia Santos

E isto não acontece muitas vezes.

O bom romance esbarra, em certo público ledor, não apenas com possibilidades financeiras precárias, mas, sobretudo, com modestos recursos intelectivos, o que origina a falta de discernimento na escolha do melhor entre tanta coisa banal que aparece, em grande parte importada... Consequentemente, a literatura medíocre faz curso, sem que isso represente um factor de enriquecimento intelectual para quem lhe dá preferência.

Isaura Correia Santos é uma romancista com categoria definida. A crítica responsável — é com prazer que o verificamos — corrobora, exuberantemente, a nossa afirmativa. Quer dizer: as obras que publicou dão-nos, suficientemente, a medida exacta do seu talento, da sua personalidade, do seu génio criador e da sua posição, como escritora, perante os graves problemas da vida e suas perspectivas sociais.

A posição que o escritor assume perante esses problemas deve ser uma posição de verdade.

E' inegável que o ficcionismo pode representar uma grande fórmula de valorização humana e de cultivo espiritual. Não com imagens desenhadas em devaneios de entretenimento mórbido, no conceito do *irreal*, do *inexistente* — mas com imagens criadas pela razão, pelo sentimento, pela capacidade anímica, inspiradas pela grandeza dos aspectos múltiplos da vida, no que ela tem de grande e belo, na ansiedade de quem a vive com nobreza, amor, sofrimento e abnegação — sem atropelos nem egoísmos.

Em «Maria Cruz», Isaura Correia Santos demonstra as excepcionais qualidades de escritora que distinguimos já a propósito de outros romances seus.

Obra bem delineada, com personagens de uma surpreendente veracidade psicológica.

Maria Cruz, sob certo aspecto, é uma figura um pouco semelhante aquela outra de «Eu e meu filho» — Margarida Manuel. De maior vulto, porém. Talvez mais *humana*, mais *real*, mais *grande*, porque mais Mulher. Superior por um fenómeno de dramatização em que não há apenas beleza espiritual: há o *querer* do destino *que se faz* — como diria Bossuet — na vontade heróica de com ele realizar, corajosamente, o destino feliz dos outros.

Este romance suscita, como bom romance que é, problemas sociais que merecem meditação. Sem discrepância, estão na lógica conceptual de uma literatura de sentido construtivo e humano. (Laura, mãe de Maria Cruz, morre num cubículo, em condições lamentáveis, sem assistência, e, à mesma hora, há apoteoses desportivas em estádios monumentais)...

De todos os personagens, a autora dá-nos um estudo psicológico cheio de equilíbrio, sobressaindo, porém, a heroína Maria Cruz, o médico dr. Ricardo, a pérfida Salomé e as bondosas Milúcia e D. Ilda, com diálogos bem construidos — seguros, coerentes.

O romance atinge, por vezes, intenso vigor dramático e é nas cenas mais difíceis que a autora soube criar, que ressalta com eloquente verdade o seu talento de romancista, que sabe dar sólida estrutura às suas obras e vida natural às figuras que nelas encontramos.

Editora, Livraria Progredior, Porto.

S. M.

VIAJANTE Precisa-se, para Confeitaria, Papelaria, Chás, Cafés e Especiarias.

Nesta Redacção se informa. 456

A homenagem aos «Obreiros» da Marcha Gualteriana

É já elevado o número de pessoas inscritas para o jantar de homenagem aos «Obreiros» da Marcha Gualteriana que, como temos noticiado, se efectua na noite do dia 13 de Novembro próximo, no Restaurante Jordão.

A Comissão promotora desta homenagem que, desde a primeira hora, é patrocinada pelo *Notícias de Guimarães*, espera que os vimaranenses que desejem associar-se a essa manifestação de aplauso e louvor, não demorem a fazer a sua inscrição, encerrando-se esta no dia 8, impreterìvelmente.

FEIRAS DE PORTUGAL

Continuação da 1.a página

cionar. Muitas delas deram origem a povoações e forma a variados produtos regionais.

Mais vivas e buliçosas nas terras do Norte do País, mais calmas e menos esfusiantes nas do Sul, consoante a índole da gente, são todas as feiras, no entanto, uma síntese alegre do povo das nossas aldeias, em que todas as notas se conjugam para se ter uma noção de conjunto da vida regional portuguesa.

Não faltam nelas os trajos endomingados, os pregões, a gritaria amalgamada das conversas de mistura com o barulho estrídulo dos animais, a barafunda das tendas, o fumo oloroso dos pedaços de carne a assar. E por sobre tudo isto o exotismo de certos costumes arreigados desde há séculos na alma do povo, com o seu folclore, a sua música de ferrinhos e harmónios, foguetes e bandas, a procissão à tarde, se a feira coincide, como sucede muitas vezes, com a festa do santo patrono da aldeia.

Então, sim, que se tem da vida portuguesa uma noção exacta, observada directamente, quando o povo expande os seus sentimentos de alegria no jogo natural dos seus interesses.

E' o marchante que vende o seu gado; a rapariga que, vistosa no seu traje e soberba de oiro que a enfeita, vem à feira com a mãe a tratar do seu bragal de linhos; o cigano que, com gestos despachados e mímica peculiar, tenta vender a sua azêmola; o tendeiro-capelista que expõe a quinquilharia do seu negócio; é o carpinteiro, o ferreiro, o albardeiro, o chapeleiro, o alfaiate, o ourives, todas à compita fazendo alarde, em pregão alto e sonoro, de cada um dos seus misteres.

A tradicional feira portuguesa, confusa e desordenada, com o seu quê de primitivo e rude, ostentando a esmo, sobre o próprio chão, seus valores e mercadorias, é bem a síntese do povo das nossas aldeias, ingénuo, trabalhador e bom. Outro carácter tem já as chamadas feiras francas e as feiras populares, as primeiras constituindo feiras de amostras e as segundas divertimentos populares sem feição económica.

Para lá do folclorismo que as caracteriza, da nota pícara de sabor antigo que lhes marca o cunho peculiar, do exotismo de certos hábitos e de tantas outras notas simples que as diferencia, elas são, no sentido profundo, a expressão do labor da nossa gente com o seu quê de imaginoso e fecundo, sempre honrada e empreendedora e o mostruário opulento da produção agrícola.

E' esse o traço fundamental que marca a feira portuguesa, a que não falta nunca uma sadia alegria, que é bem o sinal da vida que hoje vive, na ingenuidade dos seus sentimentos e na persistência do seu trabalho, o povo de Portugal.

Misericórdia de Guimarães

CONVITE

Devendo realizar-se no próximo dia 1, às 15 horas, a Procissão de Finados, venho, em nome da Mesa e só por este meio, convidar os Ex.mos Irmãos da Misericórdia a tomarem parte nesse acto de piedoso sentimento pelos Mortos.

Como de costume, a Procissão sairá da Igreja da Misericórdia, a não ser que o tempo não o permita e ainda no caso de não comparecer número suficiente de Irmãos para esse efeito.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 24 de Outubro de 1954.

429 O Provedor,

Mário de Sousa Meneses.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Como não sou pessoa que gosto de perder tempo com assuntos extemporâneos nem de ferir a sensibilidade de quem quer que seja com expressões a que possa ser dado segundo sentido e que, portanto, a inocência das minhas intenções possa, por acaso, ser tomada como *ferroada* a atingir os espíritos de mais frágil resistência, vejo-me, por vezes, embaraçado com a escolha dos assuntos para as minhas cartas.

Hoje, por exemplo, assim acontece e, por isso, resolvi optar pelo assunto que nos últimos dias tem feito ferver e referver o cérebro dos Vitorianos Vimaranenses, há dias reunidos em magna Assembleia Geral para apreciarem, a pedido da respectiva Direcção, a transferência de um jogador para outro Clube.

Devo dizer-lhe, minha Senhora, a título ilucidativo, que sou um leigo, em todos os sentidos, em matéria de futebol e com o que nunca perdi tempo nem gastei dinheiro, porque aquele me faz falta para os deveres inerentes à minha condição social e este não me proporciona saldos positivos no meu modesto orçamento caseiro.

Sendo assim, limito-me a apreciar, muito superficialmente, o que se passa nesse sector do Desporto e recolho-me no ambiente da minha insignificância quando ouço as lamúrias e os protestos dos apaixonados, o que, no entanto, não quer significar falta de bairrismo da minha parte e tanto assim que entre as vitórias de grupos que representam outras terras e as do grupo que representa Guimarães, eu perfiro, evidentemente, as deste, embora a minha satisfação se tornasse muito maior se se tratasse de elementos — refiro-me aos jogadores — filhos de Guimarães. Porém, esta deficiência é de natureza geral e por esse motivo não me julgo no direito de abrir a *torneira* dos comentários.

Quanto às lamúrias e aos protestos a que atrás faço referência, estou convencido de que sócios e simpatizantes do Vitória de Guimarães não levantaram o seu brado na citada Assembleia Geral como *toque de finados* pela ausência de um elemento que não é considerado insubstituível, mas que o fizeram apenas como demonstração da sua mágoa pela forma como o seu grupo tem sido tratado em várias emergências da sua existência.

De resto, com «*Caraças*» ou sem «*Caraças*» o Clube continuará na *sondagem* de melhores êxitos e recuperará, uma vez que seja tratado em igualdade de circunstâncias com os outros da sua categoria desportiva, a sua posição nessa modalidade do Desporto Nacional, infelizmente mal compreendida em técnica, em disciplina e em justiça por muitos dos que mais por obrigação do que por devoção deviam contribuir para elevar e prestigiar esse Desporto, a principiar pelos árbitros, alguns dos quais são os maiores responsáveis pelos deslises lamentáveis que se verificam em vários jogos e em várias terras, sempre que a parcialidade os impede de cumprir os preceitos da sua missão.

Não sei se V. Ex.a tem, como tantas outras, *inclinação desportiva*, mas seja como for terá, pelo menos, de digerir este pequeno almoço de futebol, cozinhado a pretexto da falta de outro assunto mais oportuno e aproveitado para mais uma vez ficar provado que é sempre possível «*meter foice em seara alheia*» sem fazer *frete* a quem quer que seja.

E' o que eu faço, minha Senhora, falando-lhe de futebol, de cuja engrenagem apenas conheço o feitio da bola.

Sem mais, subscrevo-me

De V. Ex.a

Outubro de 1954 cd.o ven.or e obg.o

X.

SAPATARIA LUSO

EXPOSIÇÃO

Modelos impecáveis
Criações originais
EXCLUSIVOS
E
NOVIDADES

Visite V. Ex.a HOJE e AMANHÃ

A SAPATARIA LUSO 458

Rua de Santo António
Telefone 4440

SEMPRE NA VANGUARDA DE BEM SERVIR

Câmara Municipal

A Câmara, na sua sessão ordinária de 20, tomou as seguintes deliberações:

Manter o subsídio concedido à Cantina Escolar das Taipas; dar a sua inteira confiança à sugestão do Sr. Ministro das Obras Públicas sobre a urbanização em volta do Castelo da Fundação e dos Paços dos Duques de Bragança e agradecer àquele ilustre titular o interesse manifestado pelo engrandecimento e progresso de Guimarães; adjudicar a Francisco Coelho, de Famalicão, a colocação de uma vedação na Ponte do Arco, da freguesia de Moreira de Cónegos; adiar a inauguração do monumento a Alberto Sampaio para princípios da primavera do ano próximo.

*

Em sua sessão de quarta-feira, 27, a Câmara Municipal resolveu:

Mandar proceder às obras de reparação do edifício onde se encontra instalado o posto da G. N. R., em Vizela; intensificar a fiscalização, com a colaboração da P. S. P., no sentido de ser reprimida a venda ambulante de diversos artigos, em locais que não sejam os já estabelecidos para o efeito e reprimir também a utilização das ruas e largos da cidade para oficinas ambulantes de reparação de carros.

Convocação

O Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, tem a honra de convocar os três vogais efectivos de todas as Juntas de freguesia, deste concelho, eleitos para o quadriénio de 1955 a 1958, com excepção dos vogais da Junta de freguesia de Serzedelo cuja eleição se realizará no dia 7 do próximo mês de Novembro, a reunir na sede das mesmas Juntas, no dia 5 do referido mês, pelas 15 horas, à qual assistirá um Delegado seu, para o efeito de verificação de Poderes dos membros da nova Junta e para a eleição dos respectivos Presidente, Secretário e Tesoureiro.

Paços do Concelho de Guimarães, 25 de Outubro de 1954.

O Presidente
da Câmara Municipal, 428

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

PARA REALÇAR A SUA ELEGANCIA

"DANIMAC"

Impermiáveis Ingleses para senhora talhados na Inglaterra por "DANIMAC"

Exclusivo de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34
Telf. 40157
GUIMARÃES

391

Maria Saavedra

AGRADECIMENTO

Os filhos e mais família da saudosa extinta procuraram, já, agradecer a todas as pessoas que lhes apresentaram condolências e os honraram com a assistência ao funeral de sua querida mãe, mas receando que, por insuficiência de endereços, tenham cometido alguma falta, vêm por este meio repará-la, testemunhando a todos, pùblicamente, o seu indelével reconhecimento.

Guimarães, 30 de Outubro de 1954.

João Saavedra
António Saavedra
440 *Joaquim Saavedra.*

Aviso aos Credores

Antiga «Casa Polícia», de João Ferreira, à Caldeirôa, passou-se. Avisam-se todos os credores a comparecer até ao dia 8 de Novembro de 1954. 445

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE GUIMARÃES

CONVOCAÇÃO

Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Convoco extraordinàriamente o Conselho Municipal para a sessão a realizar na Sala das Sessões da Câmara Municipal, no dia 2 do próximo mês de Novembro, pelas 15 horas.

Assuntos a tratar:

Plano de Actividades para 1955;

Bases do Orçamento Ordinário para o mesmo ano;

Fixação das Percentagens dos Adicionais às Contribuições do Estado;

Alteração do Vencimento do Fiel do Cemitério;

Alienação do edifício que era destinado a habitação de Magistrados;

Alienação em hasta pública de uma faixa de terreno sito na Freguesia de Briteiros (S. Salvador).

Paços do Concelho de Guimarães, 27 de Outubro de 1954.

O Presidente
da Câmara Municipal, 435

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

AURORA PEIXOTO FERNANDES

AGRADECIMENTO

O marido e irmãos da saudosa extinta vêm por este meio e dada a impossibilidade de o fazerem pessoalmente, manifestar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas amigas que os acompanharam no seu grande desgosto, assistindo ao funeral da extinta e apresentando-lhes condolências.

A todos protestam a sua indelével gratidão.

Guimarães, 29 de Outubro de 1954.

António Ribeiro
Amélia Peixoto Fernandes
Rosalina Peixoto Fernandes
Armando Peixoto Fernandes
António Peixoto Fernandes
434 *Laura Peixoto Fernandes*
Cândida Peixoto Fernandes.

FIXE BEM
IMPERMIÁVEIS
"DAVITEX"
(DAVID)

Este ano apresentamos além dos conhecidos tecidos nacionais, em tecido muito fino fabricado na Inglaterra, assim como tecido Suiço.

Garantimos o Impermiável
"DAVID"
SÍMBOLO DE BEM VESTIR
GARANTIA DE BEM SERVIR

Exclusivo de
A IMPERIAL
Rua de Santo António, 32-34
Telf. 40157
GUIMARÃES
592

Teatro Jordão

HOJE, A'S 15 E A'S 21 HORAS

APRESENTA
REGRESSO À VIDA
com Antonella Lualdi - Paul Campbell.
Uma verdadeira obra-prima de sentimento e de amor!
Espectáculo incomparável com situações novas de intenso e profundo dramatismo.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

TERÇA-FEIRA, 2 -- A'S 21 HORAS
JACK, O ESTRIPADOR
com Jack Palance - Constance Smith.
Um homem de pesadelo que não podia ver um sorriso numa mulher bonita sem sentir desejos de matar.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 4 -- A'S 21 HORAS
Cavalgada de Canções
com Anna Maria Ferrero, Silvana Pampanini e Coseta Greco.
Uma parada de estrelas e a evocação das mais célebres canções dos últimos 50 anos.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 6 -- A'S 21,30 HORAS
442 ***Em Sessão Popular***
A DAMA
DA MÁSCARA DE FERRO
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

COVAS E O SEU PROGRESSO

Está esta importante localidade a atravessar nestes últimos tempos uma fase de progresso grandioso. Para isso de muito tem valido a nossa indústria.

Nem só nos grandes problemas reside o progresso de qualquer localidade e até, por vezes, pequenos nadas podem ser o indicativo do desejo de se progredir, quer pela modificação dos sistemas, quer pelo seu aproveitamento, quer ainda pela sua modernização.

E isto é compreensível, pois é sempre grato a quem visita uma terra notar um motivo que denuncie o bom gosto e o aperfeiçoamento. Neste caso vemos a C. P. que continua com grande actividade na modernização da Estação — com lindos jardins, instalações sanitárias, água, vedação, relógio, calcetamento e o mais que se verá... por outro lado vemos uns pequenos nadas a envergonhar-nos, a diminuir-nos no conceito de quem nos visita, ou seja, a cabine e uma coluna da energia a tirar a vista à estação — há muito que se fala na mudança para outro lugar e ainda ali se encontram com a agravante de vir a demorar as obras de vedação da estação. E' de urgente necessidade retirá-las dali.

Mas há mais... possuímos o «labirinto» ou seja, uns bairros anexos a outras habitações, que não têm arruamentos próprios — étriste ver o que os moradores passam para chegar à estrada... ou têm de percorrer longo caminho ou descer para a linha férrea, como muitos fazem — apesar de ser proibido. Não está certo a falta de arruamentos onde eles são precisos...

Outro velho assunto — há muito discutido e debatido é o da estrada que daqui segue para Gémeos — continua no mesmo estado, prejudicando a carreira de camionetes e o público — pois, os motoristas evitam conduzir as de grande lotação, porque lutam com enormes embaraços para vencer as apertadíssimas curvas com que deparam a cada momento. A linda estância turística da Penha também está a ser afectada por este motivo — o que terá feito a Junta de Turismo sobre este assunto?

Para este caso chama-se a atenção das entidades competentes, pois o ano vai andando e tudo permanece na mesma.

Em tempos, estes assuntos mereceram a atenção da Câmara, mas... pelo que se vê não passou de uma esperança para nós...

Há interesses pessoais a preservar: o próprio que teria de sacrificar um naco de terra, fala, discute, clama a obra a realizar, mas no fundo do seu materialismo repele o empreendimento e na sombra estorva, mina, destroi... e mais culpa tem quem governa estas freguesias e quem governou o concelho, na parte que lhes toca...

Tarde ou cedo têm de convencer-se de que a nossa terra não é um brinquedo de trazer no bolso e que, necessàriamente, tem de marchar na vanguarda das terras progressivas, doa a quem doer, porque o reclamam vários factores que não devem nem podem ser desprezados.

E por hoje só isto!...

Mateisilva.

Convocação

O Presidente da Câmara Municipal de Guimarães tem a honra de convocar, nos termos do § 2.º do art.º 16.º do Código Administrativo, os Srs. Mesários das Misericórdias de Guimarães e Vila de Vizela, deste concelho, para a reunião que se efectuará na Sala das Sessões desta Câmara Municipal, no dia 9 do próximo mês de Novembro, pelas 15 horas, afim de ser eleito o representante das Misericórdias no Conselho Municipal, que entra em exercício no dia 1 de Janeiro de 1955.

O acto eleitoral realizar-se-á sob a presidência do mais velho dos Provedores.

Paços do Concelho de Guimarães, 29 de Outubro de 1954.

O Presidente
da Câmara Municipal, 444

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

LÚCIA DE JESUS OLIVEIRA

O marido e família da saudosa extinta vêm, por este **único meio** e dada a impossibilidade de o fazer de outra forma, manifestar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que o acompanharam no doloroso transe porque passou, associando-se às homenagens prestadas a sua saudosa esposa, e procurando confortá-lo com palavras que jamais poderá esquecer.

Guimarães, 30 de Outubro de 1954.

430 *José Firmino de Faria.*

AGRADECIMENTO

Benjamim de Almeida Ferreira, residente em Gondar, vem muito respeitosamente agradecer ao Ex.mo Senhor Doutor João Afonso de Almeida a dedicação e cuidado que teve para com sua esposa, D. Maria Alice Pinheiro Machado de Almeida Ferreira, quando da operação ocorrida no dia 17 de Setembro p. p., a que foi submetida no Hospital da Misericórdia, demonstrando, assim, a sua competência, que aliás lhe é sobejamente conhecida.

Este agradecimento é extensivo à Madre Maria do mesmo hospital, que durante 39 dias a tratou como uma verdadeira obreira de caridade.

Guimarães, 28 de Outubro de 1954. 441

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 26, o nosso prezado amigo e importante industrial no Bairro (Caniços), sr. Carlos da Silva Pereira; no dia 28, o nosso prezado amigo sr. António Martins R. da Silva, conceituado industrial de curtumes e panificação; no dia 1 de Novembro, as sr.as D. Adelaide Rosa de Castro e D. Teresa de Jesus Vieira Machado (Teibão) e mademoiselle *Maria Eduarda Pedrosa Machado, filha do nosso prezado amigo sr. Eduardo Rodrigues Machado, de Lordelo, e o menino José Manuel da Silva Lemos, filho do sr. José Gomes e da sr.a D. Maria Amélia da Silva; no dia 2, as meninas Maria Manuela da Silva Correia Gomes, filha do nosso bom amigo sr. José Neves Correia Gomes, e Maria Guilhermina dos Santos Teixeira, filha do nosso bom amigo sr. Fernando Augusto Teixeira, e os nossos amigos srs. Amadeu Soares e Manuel Pinheiro, funcionário dos C. T. T.; no dia 3, a sr.a dr.a D. Albertina Pereira Mendes Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. Capitão Francisco Martins Fernandes, e o nosso bom amigo sr. José Alves de Sousa; no dia 4, os nossos prezados amigos srs. António Almeida, P.e António da Costa Pereira Guimarães e Camilo Laranjeiro dos Reis; no dia 5, a sr.a D. Alzira Teixeira e os nossos prezados amigos srs. eng.º José Manuel da Silva Carvalho, José Soares Moreira Guimarães e Herculano de Matos; no dia 6, os nossos prezados amigos srs. António Caires Pinto de Madureira, Francisco d'Assis Pereira Dantas e Júlio Gomes dos Santos e a sr.a D. Francelina da Silva Fernandes Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. Camilo Nogueira da Costa; no dia 7, o menino José Luís de Oliveira Coutinho, filho do nosso bom amigo sr. João de Oliveira Coutinho; o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Mendes e a sr.a D. Margarida Lobo de Sousa Machado Neves Pereira.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

No dia 5, completa 5 primaveras a menina Maria Clotilde, filha do nosso bom amigo sr. eng.º Helder Raúl de Lemos Rocha e de sua esposa a sr.a dr.a D. Maria Júlia Limpo Trigueiros Rocha.

*

Gaspar Lopes Martins — *No próximo dia 4, passa o aniversário natalício deste nosso querido conterrâneo e amigo que, embora ausente em Santos (Brasil), nunca se esquece da sua amada Terra, tendo dado disso exuberantes provas de dedicação e que nesta cidade conta as maiores simpatias.*

De longe, embora, ao endereçar-lhe os nossos cumprimentos e as melhores felicitações, lhe pedimos aceite o nosso sincero abraço de muita admiração, com votos de muitas prosperidades.

Partidas e chegadas

Com sua família regressou das suas propriedades de S. Caetano a Lisboa, o nosso querido amigo sr. dr. Fernando de Matos Chaves, que ùltimamente esteve ligeiramente incomodado, mas já se encontra felizmente restabelecido.

— Com sua família deve regressar na próxima semana das suas propriedades de Ponte do Lima, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

— Com sua esposa regressou das suas propriedades de Baiona, o nosso prezado amigo sr. dr. Alfredo Peixoto.

— Tem estado entre nós, de visita à família, o nosso prezado amigo e distinto director artístico da Sociedade Filarmónica Vimaranense, sr. António Guise.

— Com sua esposa regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. António Pereira de Freitas.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Manuel de Sousa Guise, residente no Porto.

— Vimos nesta cidade o nosso bom amigo sr. P.e Manuel Martins, Pároco ne Revelhe (Fafe).

— Cumprimentámos nesta cidade o nosso estimado amigo e camarada sr. João Carvalho, da Póvoa de Lanhoso.

— A fim de frequentar o 1.º ano da Universidade, partiu para Coimbra a distinta aluna sr.a D. Maria da Graça, filha do nosso bom amigo sr. António José da Costa.

Doentes

Tem passado doente o nosso prezado amigo e muito estimado sacerdote, rev. P.e António da Costa Pereira Guimarães.

— Na sua residência, em S. Pedro da Raimonda, tem passado incomodado o nosso querido amigo rev. dr. Francisco de Melo.

— Continuam a experimentar sensíveis melhoras os nossos prezados amigos srs. dr. José Pinto Rodrigues e António Pimenta.

— Já se encontra quase completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Leandro Martins Ribeiro.

— Tem passado doente o nosso bom amigo sr. João António de Sampaio.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Antónia de Oliveira Gonçalves

Faleceu a sr.a D. Antónia de Oliveira Gonçalves, mãe das sr.as D. Rosa de Oliveira Gonçalves e D. Maria da Conceição de Oliveira Gonçalves e dos srs. António de Oliveira Gonçalves e Armindo de Oliveira Gonçalves e avó da sr.a D. Edite de Oliveira Gonçalves Correia e dos srs. Arnaldo Cerdeira de Oliveira Gonçalves e Manuel da Silva Correia Natal, tendo-se efectuado o funeral na 3.a-feira, com bastante concorrência, do templo da Oliveira para o cemitério municipal.

Os nossos pêsames à família.

Vida Católica

Realiza-se àmanhã, se o tempo o permitir, a Procissão de Finados

Se o tempo o permitir, realiza-se àmanhã, na forma dos demais anos e conforme já aqui noticiámos no último número, a Procissão de Finados, que irá ao cemitério Municipal, saindo, pelas 15 horas, da Igreja da Misericórdia.

Na forma tradicional, também se realiza a romagem aos nossos cemitérios, onde todos vão recordar saudosamente os seus entes mais queridos.

Lausperene no Carmo

A partir de agora e durante a época de inverno, o Lausperene que no 4.º domingo de cada mês se realiza na igreja da V. O. T. do Carmo, passa a ser das 18 às 19 horas.

Beato Nuno de Santa Maria

Está a decorrer na igreja de S. Dâmaso, pelas 20,30 horas, a novena em honra do Beato Nuno de Santa Maria, e no próximo dia 6 haverá a conclusão da novena com velada de armas pelos escuteiros.

Comemoração dos Fiéis Defuntos

Ternos de Missas

Nos templos desta cidade e em sufrágio dos Fiéis Defuntos, serão rezados amanhã ternos de Missas com o seguinte horário:

Basílica de S. Pedro, às 5,30 e 10 horas; capela da V. O. T. de S. Francisco, às 6,30; igreja de N. S.a da Oliveira, às 6, 7 e 8; igreja paroquial de S. Sebastião (Domínicas), às 6 e 8; igreja dos Santos Passos, às 6,30; igreja da V. O. T. do Carmo, às 7; igreja da Misericórdia (servindo de paroquial de S. Paio), às 8 e 9; igreja de S. Dâmaso, às 9; igreja de Santo António dos Capuchos (Hospital), às 6,30; capela da V. O. T. de S. Domingos, às 7; Santuário de N. S.a do Perpétuo Socorro, às 6,30, 7,30 e 9; capela da Casa dos Pobres, às 7.

Mês das Almas

E' o seguinte o horário do mês das Almas, cujos exercícios começam amanhã nos diversos templos da cidade:

Basílica de S. Pedro, às 6 horas; igreja de N. S.a da Oliveira, às 7; igreja de Santo António dos Capuchos (Hospital), às 6; capela da Casa dos Pobres, às 7; Santuário de N. S.a do Perpétuo Socorro, às 18 e 21, (aos domingos, às 16,30 e 21); capela da V. O. T. de S. Domingos, às 7; igreja da V. O. T. do Carmo, às 7,30; capela da V. O. T. de S. Francisco, às 7,30; igrejas da Misericórdia (paroquial de S. Paio) e S. Sebastião (Domínicas), às 8; igreja dos Santos Passos, às 20.

«OS CARLOS»

No próximo dia 4 de Novembro, «Os Carlos», o primeiro grupo onomástico que se constituiu em Portugal, completa vinte e quatro anos de existência. A data e o facto vão ser, como vem acontecendo há muitos anos, comemorados com diversos actos.

Do programa das comemorações fazem parte entre outros os seguintes números: Romagem ao cemitério, inauguração da Exposição de Enxovais oferecidos pelas famílias dos sócios e outras pessoas amigas, e que serão oferecidos, juntamente com os berços, aos homónimos recém-nascidos no dia de S. Carlos, patrono do grupo, visita dos directores aos hospitais, para distribuição de tabaco aos homónimos ali internados; sessão cultural de cinema, na sede do grupo, visita dos directores às prisões civis e distribuição de tabaco, géneros e dinheiro aos Carlos ali encarcerados por qualquer delito; distribuição de um bodo aos protegidos do grupo, missa de sufrágio pelos Carlos falecidos, jantar de confraternização dos sócios e suas famílias.

Para os nossos pobres recebemos de «Os Carlos» a quantia de 20$00. Agradecemos.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Raínha, Telef. 40424.

OFERTAS E PROCURAS

ALUGA-SE Casa com 7 divisões, garagem e pequeno quintal, situada na rua da Arcela. Falar com o seu proprietário — António Fernandes — Campo de S. Mamede, Guimarães. Telefone 4388. 401

VENDE-SE Na freguesia de Ronfe, a propriedade do Requeixo, composta de duas moradas de casas de habitação e quintal, produzindo uma e meia pipa de vinho. Numa das casas está instalada uma padaria de pão de milho.
Informa esta redacção. 427

Prensa Hidráulica
Vende-se completamente nova.
Informa esta redacção. 432

Vendem-se Boas propriedades entre Cerveira e Valença, ou trocam-se por outras de Guimarães.
Informa a redacção. 425

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"
Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

86) Of. **EDUARDO DE ALMEIDA.**

II

Estas ponderações de *João Pedro Ribeiro* e por ele também desenvolvidas na *Analyse do Parecer da Comissão de Foros,* aliás fundamentadas na admirável resistência da agricultura minhota mesmo através as angustiosas crises dos maus e danados anos de Seiscentos (*Rebelo da Silva — Memória sobre a População e a Agricultura* —, pág. 262 e seg.es), eram convictamente partilhadas por eminentes Civilistas de então, como *Correia Teles* e *Almeida Sousa*, o *Lobão,* porque de Lobão. E o mais de atender e considerar é que, nos princípios do século (XIX), *Pedro Ribeiro* percorrera as províncias do norte, arrecadando nos Cartórios ampla colheita de informes nos prazos sobre os usos e abusos da enfiteuse. Desse trabalho deu conta em *Memória sobre os inconvenientes e ventagens dos Prazos, com relação à Agricultura de Portugal* (publicada nas *Memorias de Litteratura Portuguesa,* pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, (tomo VII, a pág 284 e seg.). Interessante e muito ilucidativo. Ainda hoje. «Viajando (...) as três Províncias do Norte, e examinando os seus Cartórios, procurei coligir também os documentos, que podiam ilustrar a História da mesma Agricultura, e como estas Províncias, principalmente do Minho, mais abunda em terrenos dados em enfiteuse, se me ofereceu nos mesmos Cartórios uma vasta colheita de artigos respectivos a este contrato, vantagens, e prejuizos que têm nascido da sua prática, e abuso, que em vão rebuscaria em *Caldas*, *Valasco*, e outros antigos Mestres da Jurisprudência Enfitêutica».

Suas considerações reduzem-se, porém, a indicar «como um contrato, consagrado a fazer florescer a Agricultura, tem sido entre nós talvez a causa mais eficaz do seu atrazamento, pelos abusos que dele se tem feito». (Este conceito, o mesmo a que fui levado no estudo atento sobre o caso, reveste-se, pela autoridade do mestre notabilíssimo, da maior importância, e conjuga-se, com algumas linhas já traçadas nestas páginas. Teremos, em breve, de nos voltarmos a ele.) E aponta esses abusos: a) excesso de laudémios, pois, embora nas Ord. se desse a quarentena como regra, encontram-se exigências frequentes e vulgares de vintena, décima e quinto, apontando o facto de um Mosteiro costumar cobrar o terço e sob condição de, em venda, o prédio ficar ao senhorio por metade do preço!; b) foros exorbitantes — ou por serem alheios à produção natural do terreno (notam-se vários casos típicos, através as Inquirições, em muitas direituras exigidas nas freguesias do nosso Termo e *J. P. Ribeiro* aponta a da parte do foro em peixe fresco em terras do interior — do sertão, como ele diz, indicando-se até de que parte da costa marítima proviria) ou, muito em uso nos prazos de Entre-Douro-e-Minho, pela exigência, «verdadeiramente feudal», das geiras, *engerias* ou *angarias*, de ordinário um dia em cada semana: a propina do Mordomo (ou do feitor) e a hospedagem ao senhorio quando visitasse os bens: o próprio excesso, chegando a ponto de lesar a rudimentar economia do lavrador. Na parte final do seu trabalho, fala dos privilégios, da cláusula de os prédios não passarem pela enfiteuse a mão de poderosos que a eles se eximissem: do cuidado, nas terras raçoeiras, imposto, de não se levantarem os cereais da eira nem tirar o vinho do lagar sem chegar o mordomo: da condição dos *Estimos* (a multa de obrigar o lavrador indolente ao pagamento de ração da herdade não cultivada por incúria) que considera benéfica, sob a aparência de bárbara, como eram também as tendentes ao melhoramento da cultura, amanho de novas plantações, tratamento de gados, etc.

Continua.

DESPORTO

JUSTIFICAÇÃO

Se o facto acontecesse sòmente uma vez podia passar como atitude de simples coincidência. Mas a sua repetição por meio de condições análogas, leva a acreditar que o processo é usual e, portanto, de pouca lealdade para com as agremiações congéneres.

Ontem foi um que vivia em Guimarães em situação legal e empregado. — De um dia para outro fug u daqui, indo instalar-se lá como funcionário público e, com essa base, conseguir a sua transferência de futebolista.

Agora é outro que, pelo mesmo processo, se tenta levar. Este foi a férias à sua terra e, logo os mesmos, acenando com meios iguais, — lugar público justificativo de transferência — o desviam e levam a tomar atitudes de rebeldia para com o nosso clube a quem pertence.

Como atrás dissemos, é demasiada coincidência para se poder tolerar, sem protestar, acusando aqueles responsáveis que se servem de meios desleais para conseguirem os seus fins. Não é este processo sério de lidar com agremiações que labutam o mesmo meio, pois, no primeiro caso, nem uma só vez, sequer, se tentou entrar em negociações e, neste mais recente, conversou-se sòmente com o fim de ganhar tempo.

Manda lá, ocupa há muitos anos o primeiro posto do comando, uma pessoa que dizem ser daqui. Como tem conhecimento do que se passa ou passou — e tem-no, porque foi solicitada a sua arbitragem — esqueceu sem dúvida a terra onde nasceu, terra que é orgulho sincero de todos aqueles que se dizem seus filhos. Os actos que deixou praticar àqueles que lhe estão abaixo, sob o seu alto comando, não o dignificam, praticados seja contra quem for e, muito menos, contra os que pertencem à terra que lhe foi berço.

Por tudo isto se justifica a atitude tomada, que se outro fruto não colher, ficará, pelo menos, como desagravo e protesto.

UM DE NÓS.

"O NACIONAL" DE JORNADA A JORNADA

BRAGA, 3 — VITÓRIA, 1

Um resultado justo, mas consumado por dois erros de arbitragem

Jogou-se a sétima jornada e o Vitória ocupa neste momento o último lugar. O que por aí se diz ou o que por aí se pensa é de tal modo decepcionante, que repugna referir-se. Mas isso é fenómeno que se dá sempre em todos os lados, em situações idênticas. Mas se noutros lados se compreende, aqui, na nossa terra, talvez o mesmo não aconteça. Terá o Vitória condições de existência que lhe permitam disputar a I Divisão Nacional? Cada um e cada qual meta a sua mão na consciência e pense se é justa a crítica desenfreada que por aí corre, em todos os pontos de *cavaco*, num destempêro que não se justifica.

O Vitória tem de ser obra de todos. Só assim também todos se poderão orgulhar do ponto alto que ele ocupa no conceito do futebol nacional. Enquanto tal não acontecer, tudo o que se diz não passa de conversa, mais ou menos fiada... E, muitas vezes, o auxílio de todos não se quer referir a ajuda económica, mas sim a carinho colectivo, que estimule e não derrote. No momento presente só um caminho há a seguir, que é o do incitamento em todas as horas, em todas as circunstâncias, para todas as ocasiões. Quem assim não fizer não é vitoriano duma só fé, não passa sòmente de adepto a esvoaçar ao sabor das correntes do triunfo ou da derrota.

Voltou o Vitória no domingo passado, em Braga, a perder o jogo nos últimos minutos da partida. Faltavam dez minutos e o resultado era de um empate a uma bola. O desgaste provocado pelo excesso de jogo sobre compartimentos defensivos dos vimaranenses, por falta de retenção da bola por parte do seu ataque, foi a causa primária da modificação do resultado a tão pouco tempo do fim. Há necessidade de rever a constituição do ataque da equipa. Existem nele jogadores, que pelo seu rendimento, não justificam a sua inclusão nela. Se quisessemos agradar ao público bastava-nos gritar: — BASTA DE JUANIN! Mas é que, fundamentalmente, não é sòmente este jogador que cria a dificuldade que apontamos ao onze; outros há cujo rendimento não está a contribuir com eficácia para se conseguirem triunfos. Faltam dois jogos para terminar a *via-sacra* de dificuldades que o calendário nos deu. Temos de fazer mais um pouco das *tripas coração*, como se diz no povo, mas aproveitemos estes dois jogos para assentarmos numa equipa que não mude de domingo a domingo, constituida por aqueles jogadores de melhor rendimento, que os temos, não hajam dúvidas.

No domingo passado dois erros do árbitro também contribuiram para que a pouca sorte nos desfeiteasse mais uma vez. A primeira bola resultou duma carga ilegal de José Maria sobre Lobato. A Lei é taxativa neste ponto — O guarda redes só pode ser carregado quando retiver a bola em suas mãos. O segundo golo quanto a nós, que nos encontravamos no infileiramento da jogada, foi precedido de fora de jogo. Isto é da sorte da luta, mas tudo isto também contribui para a posição ocupada e por isso é que dizemos que sòmente podemos vencer a sorte que anda contra nós com unidade nos pontos de vista, com fé e com confiança no futuro.

Dirigiu o encontro Costa Martins, do Porto, e as equipas alinharam: Vitória com Lobato; Cesário e Costa; Rebelo, José da Costa e Artur; Lara, Silveira, Juanin, Miguel e Rola. Braga com Cesário; Antunes e Abel; Fantin, José Maria e Pinto Vieira; Baptista, Velez, Imbeloni, Gabriel e Corona.

A primeira parte terminou sem golos e, no começo da segunda, os bracarenses abriram o activo por intermédio de José Maria, para em seguida Silveira restabelecer a igualdade. Este resultado não se modificou durante muito tempo e sòmente nos últimos minutos é que Corona e Velez fizeram os dois restantes golos para o Sporting.

Nos restantes jogos da jornada os resultados foram os seguintes: Porto, 3 - Atlético, 3; Barreirense, 2-Académica, 1; Sporting, 7-Setúbal, 2; Belenenses, 1 - Benfica, 2; Lusitano, 0-Cuf, 3; Covilhã, 2-Boavista, 0.

O Benfica continua a sua marcha triunfante, tendo sòmente uma derrota, aquela que sofreu em Guimarães, e a Cuf deixou de constituir surpreza para passar a concreta realidade — veja-se o seu resultado contra o Lusitano, onde já alinhou Caraça, do que se pode concluir, que não foi atendida por quem de direito, a petição feita pela Direcção do Vitória, com o patrocínio do Governo Civil do Distrito, da Câmara do Concelho, dos Grémios, dos Sindicatos, enfim, de todas as forças vivas do concelho.

Depois desta jornada a classificação é a seguinte: Benfica, 12 pontos (24-4); Sporting, 10 p. (24-7); Porto, 8 p. (19-11); Cuf, 8 p. (10-7); Braga, 8 p. (16-14); Setúbal, 8 p. (17-16); Belenenses, 7 p. (14-10); Académica, 7 p. (15-14); Barreirense, 7 p. (6-10); Atlético, 6 p. (11-14); Covilhã, 5 p. (8-16); Lusitano, 5 p. (7-27); Boavista, 4 p. (6-33); Vitória, 3 p. (9-15).

Hoje jogam-se os seguintes encontros: Vitória-Sporting; Académica-Lusitano; Atlético-Barreirense; Setúbal-Porto; Benfica-Braga; Boavista-Belenenses; Cuf-Covilhã.

Na Amorosa temos o Campeão Nacional. Aqui está um jogo que nunca vencemos. O Sporting, em Guimarães, tem tido sempre felicidade nos resultados, pois poucas vezes temos conseguido até empatar. A necessidade que temos de conseguir pontos leva-nos a acreditar que os jogadores do Vitória vão, por todos os meios ao seu alcance, lutar para os conseguir. Mas para isso é preciso que o seu público adepto não desfaleça um momento de o incitar, de tal modo que hoje, no Campo da Amorosa, um coro permanente se ouça, do princípio ao fim do jogo: Vitória! Vitória! Vitória!

L. R.

Uma atitude de solidariedade

A Direcção do Vitória recebeu de 20 adeptos do Juventude de E'vora uma carta onde estes, numa manifestação de solidariedade, apoiam o clube vimaranense quanto à reclamação contra a transferência do seu jogador Caraça.

Uma atitude desta natureza merece ser aqui registada, pois vem da terra a que pertence o clube que deslealmente nos pretende levar o jogador, demonstrando assim que no Alentejo nem todos procedem do mesmo modo. Como temos conhecimento que o Juventude de E'vora é o clube da simpatia popular naquela cidade alentejana, daqui lhe retribuimos as suas saudações, com os desejos de que vença os seus problemas de modo a atingir aquele lugar de destaque que pela sua conduta merece.

TORNEIOS REGIONAIS

Começa hoje a disputar-se o *Campeonato Regional de Júniores* cujo título é ostentado pelo Vitória de Guimarães. Torneio de formação de jogadores, portanto de largo alcance para o desevolvimento do desporto minhoto.

Este ano o Campeonato é disputado por dez equipas representando nove clubes, que são o Vitória de Guimarães, o Desportivo «Francisco de Holanda», o Futebol Clube de Vizela, o Sporting e Futebol Clube de Fafe, o Futebol Clube de Famalicão, o Gil Vicente de Barcelos, o Vianense e o Sporting de Braga com equipas A. e B. O torneio será jogado em duas séries, cada qual com cinco clubes. Uma com os clubes mais ao Norte da província e outro com os mais ao Sul, fazendo parte da primeira, o Desp. «Francisco de Holanda», e da segunda, o Vitória de Guimarães.

Hoje jogam no Campo da Amorosa as equipas do Vitória e do Futebol Clube de Vizela, os dois primeiros classificados do torneio anterior, que só por isso justificam o interesse do encontro. O outro clube vimaranense, que saudamos pela primeira vez comparecer em provas oficiais, seguindo uma conduta que muitas vezes aqui sinceramente lhe aconselhamos, não joga no primeiro domingo.

hérnia

A EFICÁCIA TOTAL

é-vos assegurada pelo sistema patenteado

MYOPLASTIC-KLEBER

Sem mola nem pelota, a parede abdominal enfraquecida é eficazmente reforçada e os órgãos são mantidos nos seus lugares e sem qualquer incómodo.

Ensaios gratuitos junto do técnico do

Institut Herniaire de Lyon (França)

em:

Guimarães — Farmácia «Hórus» — Largo do Toural — Dia 6 de Novembro.

Braga — Farmácia «Roma» — Rua dos Chãos, 111 — Dia 9 de Novembro. 433

Minha Senhora

Experimente provar a **Bolachinha de Manteiga** — uma especialidade da Vila da Feira à venda na BENAMOR.

Outras especialidades:

Frizados
Amendoados
Bolinhas Areia
Palitos Amêndoa
Cavaquinhas
Bolacha Areada
Torcidos

437

BENAMOR

TOURAL — TELEF. 4105

A AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES

GOMES ALVES

Do LARGO DO TOURAL

Encarrega-se da Compra e Venda de Prédios (Rústicos e Urbanos).

Preferir esta Agência é ter a certeza de uma boa e honesta transacção.

436

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES 224

Notícias de Guimarães n.º 1190 — 31-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

Anúncio

ÉDITOS DE VINTE DIAS

2.ª publicação

Pela 1.ª secção do 1.º juízo de direito desta comarca e nos autos de acção sumária, em execução de sentença que Francisco Vaz da Costa Marques, solteiro, industrial, desta cidade, move contra Armandino Gomes Ribeiro, comerciante, da cidade do Porto, rua dos Abraços ou rua de S. Roque da Lameira, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos, nos termos do disposto no art.º 864 do Código do Processo Civil.

Guimarães, 14 de Outubro de 1954.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 420

Adriano Filipe Afonso.

O Chefe da secção

Alberto Fernandes Carreira.

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, L.da

R. da Raínha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES 398

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

8

Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.DA

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404} PORTO

Notícias de Guimarães n.º 1190 — 31-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo 2.º Juízo de Direito da comarca de Guimarães e 2.ª Secção da respectiva Secretaria, nos autos de falência que «A Boa Nova, Lid.ª», sociedade comercial, e Dionísio Casal, casado, industrial, da vila de S. João da Madeira, comarca de Oliveira de Azeméis, movem contra JOSÉ MACHADO DA SILVA, solteiro, maior, comerciante, morador nesta cidade e comarca, foi marcado o prazo de quinze dias, contados da primeira publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do falecido, para no referido prazo reclamarem os seus créditos.

Guimarães, 16 de Outubro de 1954.

O chefe da 2.ª secção,

António de Castro Pereira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, do 2.º Juízo, 431

Valdemiro Ferreira Lopes.

CASA ESTRELA

SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 (Junto à Marisqueira) 185

Consertos e limpesas de calçado
Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

CASA DAS NOVIDADES

LIVRARIA E PAPELARIA

RUA DA RAÍNHA, 105

GUIMARÃES

CANETAS DE TINTA PERMANENTE: O mais completo sortido aos melhores preços. Vendas a Pronto e a Prestações com bónus. GRAVAÇÃO DO NOME, FEITA GRATUITAMENTE, NAS CANETAS DE PREÇO SUPERIOR A 25$00.

TUBOS GALVANIZADOS!...

A Competidora de Representações, L.da

É a única firma no concelho importadora de TUBOS GALVANIZADOS. Mas não os importa de parede reduzida, porque têm: Menos parede, menos peso e menos duração.

RUA DA RAÍNHA N.º 115 — TELEF. 4523

GUIMARÃES 415

LOJA DOS TABELADOS

LARGO DA CONDESSA DO JUNCAL

GUIMARÃES

Procede a uma liquidação geral, vendendo todas as fazendas em "stock" com grande baixa de preços. Visitem este afamado estabelecimento, certificando-se da única ocasião que se lhes oferece de comprarem bem e barato.

Também se passa, dando-se facilidades com garantias.

Entretanto, vai-se procedendo à liquidação, beneficiando-se assim o público consumidor. 344

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega ao Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO*
com *Armazém de Retem e Depósitos*
(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 12

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI

60